

INTERROGATÓRIO DE HÉLDER BATAGLIA

SOBRE OS 15 MILHÕES DA ES ENTERPRISES QUE ACABARAM NAS SUAS SOCIEDADES, MARKWELL E MONKWAY, EM 2008

Hélder Bataglia Estas operações [2008] foram muito simples: foi o dr. Ricardo Salgado que, numa das minhas vindas a Portugal, pediu para eu passar lá no banco e pediu-me se podia fazer um favor, porque tinha uns compromissos em que tinha de pagar cerca de 12 milhões de euros.

- Disse-me se eu conhecia o Carlos Santos Silva, eu disse que sim, se tinha conta na UBS, eu também disse que sim, e se eu podia fazer esses pagamentos. Eu disse 'sim, Ricardo, se precisas eu faço. Desde que me transfiras o dinheiro, eu faço esses pagamentos'. E aproveitei também para lhe dizer: 'Se vais fazer esses 12, vê se tens mais algum devido à nossa dívida antiga'. Era uma coisa que eu repetidamente insistia com ele, não todos os anos, mas todos os meses. Para não se esquecer (...) Ele fez-me esse pedido e foi assim que foi. Ele perguntou-me se conhecia o Carlos Santos Silva e que era para entregar ao Carlos Santos Silva, exatamente.

- Não me deu detalhe nenhum, nem eu lhe perguntei. Na altura, como deve saber, eram coisas que não se perguntavam ao dr. Ricardo Salgado, não é? Ele pedia-me, eu devia-lhe favores, o maior de todos era apoiar-me na Escom, o segundo era se ele cumpria e me pagava as minhas compensações pelo que eu tinha feito [no BESA].

- Ele disse que ia fazer umas operações até um montante de 12 milhões.

- Ele sabia da minha relação com o José Paulo [Pinto de Sousa, primo de Sócrates], perguntou se eu conhecia o Carlos Santos Silva, eu disse que sim, e o que fiz a seguir foi telefonar, na primeira vez, ao José Paulo para ver se

combinava uma reunião com o Carlos Santos Silva porque precisava de falar com ele. Depois, disse-lhe que o dr. Ricardo Salgado tinha dado esta disponibilidade e o que é que queria que fizesse. Ele deu-me um papelinho com umas contas. Eu guardava o papelinho, chegava a Luanda, telefonava ao Canals e dizia-lhe: 'Preciso de fazer uma transferência para as contas x, y e z'. Ele dizia: 'Sim senhor, vou fazer, está feita e depois, quando estivermos juntos, assinaremos'. Era recorrente com o Canals, trabalhávamos muito ao telefone e depois, quando nos encontrávamos em Lisboa, na Suíça ou Angola assinava depois tudo. Era assim que as contas eram feitas. (...)

- O José Paulo não esteve presente. O Carlos Santos Silva foi ter comigo, salvo erro, ao meu escritório. Encontrámo-nos duas ou três vezes por esses assuntos.

Pergunta Não houve outros pedidos de Ricardo Salgado por causa de operações deste tipo?

Hélder Bataglia Não, foi só esta. Este conjunto de operações que ele pediu e que foram implementadas. Isso não o deixava, pelo menos, desconfortável?

- Em 2008, o dr. Ricardo Salgado pediu-me uma coisa dessas, para mim, era um favor que lhe estava a fazer (...) E não se dizia não ao dr. Ricardo Salgado naquela altura, como deve saber. (...) Dizer não, não posso, e não acho que fosse uma coisa tão complicada na altura.

SOBRE CARLOS SANTOS SILVA E AS TRANSFERÊNCIAS PEDIDAS POR SALGADO QUE ACABARAM NUMA CONTA DE JOAQUIM BARROCA, TAMBÉM DO GRUPO LENA

Hélder Bataglia "Não sei. Ele pediu-me concretamente aquelas

operações para entregar àquela pessoa e foi isso que eu fiz. Não perguntei ao eng. Carlos Santos Silva porque é que estava a fazer aquelas transferências, isso la pôr em causa o Salgado.

- Foi assim que ele optou e eu disse que sim (...) Acho que nestas contas não devemos interpelar nem uma parte nem a outra. Cumprir instruções.

- Não Interpelei o dr. Ricardo Salgado e implementei as instruções que ele tinha pedido. Isso é que é um facto.

Pergunta Nestas operações, recebe 15 milhões de euros, transfere para a dita conta do Joaquim Barroca 12 milhões de euros e o remanescente entrou por conta daquilo que achava que tinha direito?

Hélder Bataglia Exatamente, com alguma luta.

SOBRE A RELAÇÃO COM CARLOS SANTOS SILVA E COM A FAMÍLIA PINTO DE SOUSA

Hélder Bataglia O engenheiro Carlos Santos Silva é-me apresentado pelo Zé Paulo, não tinha qualquer relação de negócios, de trabalho com ele. Conheci-o porque, como sabem também, tenho uma filha com uma prima do engenheiro José Sócrates, portanto eles eram muito amigos, o Carlos Santos Silva e o José Paulo Pinto de Sousa. (...) Ela nasceu em 1999 e acho que foi a partir dessa data que comecei a frequentar mais a casa do tio, do pai do José Paulo. Às vezes encontrava-o [Santos Silva], mas nunca tive uma relação social nem nada, porque não tinha nada a ver com ele.

Mas sabia de interesses que o sr. eng. Carlos Santos Silva tinha em Angola?

- Sabia, porque ele dizia-me que lá, mas nunca o vi lá. Sabia do grande sucesso que ele estava a ter na Venezuela, mas nunca tive nada a ver

com o Grupo Lena.

Relativamente ao José Paulo, houve negócios que tinha feito com ele e com a família. Eles tinham para lá uns terrenos. Daquilo que se recorda, como é que surge o primeiro negócio?

- A relação com o José Paulo é muito mais tarde e é com a Escom, não comigo, quando a família, e não ele, vende o terreno das Salinas da Belavista. Eu pessoalmente comprei alguns terrenos já urbanizados em Luanda Sul, em Talatona.

Como conheceu o eng. José Sócrates?

- Por via familiar, em casa do Zé Paulo, há alguns anos. Depois nunca mais o vi. Via-o em festas familiares. A minha filha gostava muito dele. (...)

Eu não tinha uma grande relação com ele. Ele gostava muito da minha filha Maria e ela dele.

É verdade que o senhor apresentou o eng. Sócrates a Ricardo Salgado?

- É possível, mas não me recordo. Nem o dr. Ricardo Salgado precisava.

SOBRE OS EMPRÉSTIMOS DE DINHEIRO, ENTRE 7 E 8 MILHÕES DE EUROS, A JOSÉ PAULO PINTO DE SOUSA

Pergunta Emprestou-lhe sem qualquer garantia?

Hélder Bataglia Sim, sim.

E sem nada escrito também?

- Para mim, é como se fosse família, não ia fazer um contrato com ele.

Tinha alguma percepção de que esses pagamentos de José Paulo tinham a ver com Carlos Santos Silva?

- Nenhuma. (...) É uma coisa que eu desconhecia completamente. Ele pediu-me o dinheiro, eu emprestei-lhe o dinheiro e não lhe pedi explicações.

SOBRE O NEGÓCIO DE VALE DO LOBO E A RELAÇÃO COM ARMANDO VARA

Pergunta Como é que surgiu esta oportunidade de negócio?

Hélder Bataglia Foi o Luís Horta e

Costa [alto quadro do BESI] que falou comigo, como fazia, aliás, com todos os projetos que tinha. Disse-me que estava a tentar desenvolver um projeto com o irmão e com o Diogo Gaspar Ferreira e que, portanto, era um projeto interessante, que havia um holandês que queria voltar à Holanda e queria vender aquilo.

O que está aqui em causa é que, numa determinada altura, houve um pagamento de uma venda de lotes de Vale do Lobo em que aparentemente terá tido algumas frações do preço que foram desviadas para umas contas na Suíça, curiosamente para a mesma conta que o Carlos Santos Silva lhe indicou para receber os pagamentos...

- Ai, é? Olhe, isso, estou completamente fora desse assunto. Desconheço. (...)

Ah, pols... Isso é uma grande coincidência. Não sabia... Não conheço o holandês, nunca o vi. Eu soube disto tudo pelos jornais, sabem?

Sobre a escolha da CGD, não a sugeriu a ninguém?

- O senhor Luís Horta e Costa conhece todos os administradores da Caixa, todos do BCP, etc.

Conheceu o dr. Armando Vara...

- Sim, há uns anos conheci o doutor Armando Vara. Não me recordo de quando o conheci. Estive com ele muito pouco, não tinha com ele qualquer relação. Só tive relações com o doutor Armando Vara quando ele foi trabalhar para a empresa brasileira que geria contas em Angola e Moçambique, a Camargo Corrêa. Foi-lhe apresentado, talvez, pelo engenheiro José Sócrates?

- Não, nunca me foi apresentado pelo engenheiro José Sócrates. Acho que ele nunca me apresentou ninguém, devo dizer. Não tínhamos essa proximidade.